

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 99

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua da República
GUIMARÃES

Redactor principal,
N. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 10 de Outubro de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães

Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesse
R. DE PAIO GALVÃO

A defêsa da Pátria

Para que o arado remova a terra fecunda e creadora que nos dá o pão; para que nas fábricas os maquinismos trabalhem velozes, produzindo as indústrias que nos são preciosas à vida; para que os homens estabeleçam com segurança e confiança as suas trocas e transacções por um comércio largo, chamando consigo a riqueza; para que em nossas costas e em nossos rios sulquem ligeiras as embarcações que nos trazem aquilo de que carecemos e consigo levam aquilo que por demais nos sobeja; para que o operário trabalhe cantando ao som do ferro batendo no ferro; para que o pastor mais não precise que o cajado e o seu cão para guardar os seus rebanhos; para que o artista medite e concêba no sossêgo profundo do seu recanto o sonho de arte que o anima; para que o pensador, o filósofo, o matemático difundam a ideia luminosa que o seu cérebro gerou; para que a vida das cidades se agite sonôra, vibrante, nervosa e complicada e para que a vida das aldeias decorra bucólica, pacífica, sossegada e branda—é necessário que haja paz. E para haver paz, apesar de toda a famosa civilização do nosso século, ainda é tristemente preciso que a espingarda a consolide.

A despeito de quanto os espíritos humanitários e a propaganda das ideias grandes tem feito para que os homens se não despedacem em luta desumana—êste estado fictício a que se chama paz outra coisa não representa senão o medo e o respeito do mais fraco pelo mais forte. Um tempo houve, distante, em que também nós, os portugueses, fomos respeitados pela nossa força; hoje, se algum respeito pudesse haver ainda, seria pelas tradições lendárias dessa força que passou. Mas não. Os estranhos não querem saber das glórias do nosso passado heróico, mas tam sómente do que nesta hora presente podemos e valêmos. Se um dia uma horda faminta de invasores se aventurasse a dentro da terra sagrada da nossa

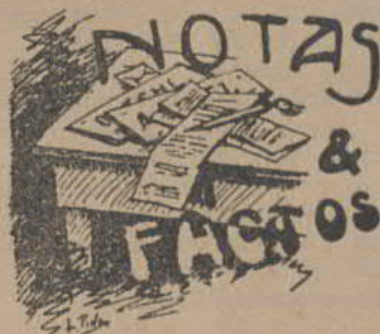
Pátria e encontrasse a detê-los não o ferro agudo das lanças e o gume das espadas mas apenas uma lápide simbólica, coroada de louros e com os nomes venerandos que nos engrandecem gravados a ouro—êles, os invasores, os bárbaros derrubariam sem hesitar o marco memorável que os séculos respeitaram, cobri-lo iam de lama e ignominia e marchariam avante. O passado dignifica mas não é garantia de defêsa contra as ambições e a rapacidade que a luta pela vida, cega e feroz, origina entre os homens. E' preciso honrar a nobreza e glória do passado, seguindo-a como um exemplo e não sómente rememorando tradições e cantando hinos.

Dêsde a idade de ouro em que Portugal deu leis ao mundo e abriu caminhos pelo mar, séculos passaram e gerações inteiras nasceram e morreram. Os povos que pelo esforço se tornaram iguais a nós, que eramos os maiores e iam na frente, continuáram o seu caminho porfiadamente e lá foram para o futuro, para a vida, para o progresso e nós ficamos para trás! Os que vinham em último lugar passaram-nos também, ousados, e nós ficamos sempre! Começou então a decadência e a decrepitude: as energias morrendo ao nascer, a indiferença a apoderar-se dos corações, o egoísmo a dominar sem limites, a pobreza a entrar nos lares, o luto a invadir as almas nobres, a traição nos caracteres, a lama nas consciências! Mas a madrugada bendita chegou e a era nova e redentora surgiu! Outra vez nasceu o sol radioso e a luz dissipou a noite que nos cercava! O velho leão estremeceu ainda! E' preciso chamá-lo à vida plena.

Ao povo português vai a Pátria pedir um sacrificio grande. Precisamos, para assegurar a nossa independência, de uma armada no mar e um exercito na terra. Pois bem: mais vale sacrificarmos agora para êsse fim uma parcela do que cada um possui, conforme as suas riquezas, do que

um dia sermos despojados de tudo o que é nosso, porque nos fizeram escravos em nossa própria morada. E' preciso que a boca escura e poderosa dos canhões anuncie mais uma vez ao mundo que nós ainda somos livres e fortes. Não queremos espingardas nem couraçados magestosos e serênos da sua força para os pôr ao serviço do roubo, da conquista, do latrocínio! Queremo-los sim para nos prevenirmos e acautelarmos da rapina, para não mordermos a terra inglôriamente ou não deixarmos cobardemente prender a gargalheira! Queremo-los por amor da liberdade e duma vida de trabalho fecundo e duma paz duradoira.

Mário Cardoso.



Um pedagogo «insigne»!

O professor primário da escola de S. Torquato não compareceu, nem se fez representar na festa inaugural do edificio que, a expensas duma verba da irmandade, ali se vai erigir.

Este «sacerdote das letras» deve ter premeditado a sua acção (tanto mais que foi convidado!) o que é prova de possuir toneladas... de talento.

Comemorando

A Comissão Paroquial e o povo da freguesia de Santo Estêvão de Briteiros, festejou o 5 de Outubro com êste programa: bôdo aos pobres, sessão solene, música, iluminação, fogo, descantes e danças populares.

Parabens aos de Briteiros, que nos ofereceram, mais que os de cá, um programa selecto.

Intima

Regressou aos pátrios lares e ao convívio dos amigos que o reclamavam... em altos gritos, o cidadão prestimoso Abel Cardoso, illustre pintor e professor, acompanhado de seu irmão Mário Cardoso, nosso colaborador.

Caçando o «freçguês»

Sempre as esquinas de ruas foram olhadas e afagadas por vendilhões de todo o genero e feitio, resultando disso ver-se a dita da casa Camilo pejada de engraxadores, e a da casa dos «Caixeiros», atravancada de vendeadeiras de sardinha, de leite, de farrapos, etc. Ora entendemos que a autoridade tendo aí uma policia adestrada, como tem, bem podia demarcar posições a essa gente, evitando êsses extravasamentos de mercados.

De volta

Feito o seu tratamento em Vidago veio cair-nos nos braços o querido companheiro de redacção, capitão Luis de Pina. Vem disposto ao trabalho—para se vingar de tanta ociosidade pegada.

Carta dum rústico

—AO—

Ministro do Interior

Sr. Ministro:

Perdoe v. sr.^a o meu atrevimento em dirigir-lhe estas mal notadas linhas; mas corre cá pelos sítios uma nova tam funesta, que até parece que estoiro se não falo! E' o caso: existe aqui na minha freguesia de S. Martinho do Conde uma escola do governo e onde a gente se acostomou a mandar os filhos—se não queremos que êles fiquem para aí uns brutinhos, salvo seja... Pois quer v. sr.^a saber o que por aqui se diz com respeito à escola? —Que vai fechar!...

E o que é mais bonito é que vai fechar... porque a casa precisa de um concerto e não há quem lho mande fazer! Mas ainda não disse tudo a v. sr.^a. Há mais, e isto então até dá vontade de... rir, se o caso não fôsse antes para chorar!

Ora oiça v. sr.^a a história:

A escola de S. Martinho do Conde, que é como quem diz, da minha freguesia, não custa nem um ceutil ao governo, porque, saiba isto v. sr.^a, foi doada por um bemfeitor, que Deus haja, o qual ofereceu não só a casa e a mobília, como ainda também 13 contos de réis, em inscrições, como já me explicaram—o que, salvo erro, dá um rendimento de 4 centos mil réis... jê Porque não se ha de mandar, em vista disto, fazer a reparação à casa?! jê Quer então o governo que as parêdes cáiam por cima do professor e

dos rapazes, ou quererá antes que a escola se feche, perdendo os meus filhos e os outros o pouco que lá aprenderam?!

j Perdoe v. sr.^a, mas já não entendo êste mundo!...

j Uns berram que os pais não mandam os filhos à escola!

j Outros, então, gritam que não há escolas!

j Por outra banda ouve-se que escolas há; o que faltam são casas!

j Casas há; o que falta é mobília! Não os entendo!

iii E agora, para maior trapalhada, nós, os de S. Martinho, que temos vontade de que os nossos filhos vão à escola, que aprendam, que sejam homens; nós, que temos professor, que temos mobília, que temos livros, que temos casa, que temos tudo... até o rendimento de 13 contos de um bemfeitor, vamos ficar sem escola, só porque os senhores lá de cima, os senhores que mandam nestas coisas da instrução, não dão ordem que se faça uma obra, um reparo, um concerto na casa da escola!!!

j Perdoe v. sr.^a, mas uma coisa assim... até parece caçoadá!

Disse e repito, sr. ministro, que os culpados disto, dêste desmazêlo, são os senhores lá de cima, que mandam nestas coisas da instrução. Já uma maré, falando a êste respeito com o meu compadre, que é membro da Junta, êle me respondeu que sabia que o sr. inspector tinha cumprido com a sua obrigação, pois já não tinha conta as vezes que êle escrevera lá para cima, para êsses senhores que mandam nas coisas da instrução, a contar-lhe o estado da casa da escola e a pedir-lhe autorização para gastar da verba legal o que na escola de S. Martinho se precisa... como de pão para a boca.

Foi depois de saber como as coisas se passavam que disse de mim para mim:

—Nada! j Aqui anda metido quem quer fazer mal à República porque sabe que ela quer escolas para que o povo abra os olhos! j Vou escrever ao sr. ministro, e êle por força que me ha de atender e dar razão!...

Ora aqui tem v. sr.^a o motivo dêste atrevimento dum rústico que, acima de tudo, quer que os seus filhos aprendam a ler para serem homens—pois então!

Quanto ao mais, saúdinha é o que lhe deseja êste humilde servo,

Francisco António.

Uma história que dá vontade... de não morrer!

Ai! nem os mortos descansam!...

Manoel Moraes, cidadão pobre (mas cremos que honrado), bateu à porta da «Alvorada» a reclamar contra um facto que e nós, consideramos precisado de censura.

Assim deviam proceder todos os que, como este homem, sabem que a «Alvorada» é uma porta aberta às reclamações justas.

Manoel Moraes teve a infelicidade de lhe morrer, em sua casa, uma parenta de oitenta e tantos anos. E' claro: resolveu logo enterra-la.

Mas o certificado? Se a mulher morreu de velhice... O certificado?

Manoel Moraes foi a repartição do registro civil.

—Vá buscar o certificado medico, respondeu sensatamente o sr. dr. Manoel Bernardino. Sem isso não posso passar-lhe a guia para o enterramento.

Manoel Moraes partiu; foi a casa do senhor delegado de saúde.

—O sr. dr. Chaves está para fora. Vá a casa do sr. dr. Alfredo Peixoto.

Manoel Moraes desceu o Largo de Martins Sarmiento, galgou a rua Elias Garcia, atravessou o Largo da Oliveira, cortou pela rua da República, torceu para a rua dr. Avelino Germano e —záz! badalou, chamou.

—Muito bem. Mas eu não conheci a morta, não sei de que morreu, não a tratei, não o conheço ao sr...? Como quer que lhe passe o atestado?

Caso de casuística...

Manoel Moraes retrocedeu, cortou a rua do Gravador Molarinho, entrou na administração e contou o caso ao sr. administrador.

Volta Manoel Moraes, por ordem daquele ao delegado de saúde, dali recambiam-no ao sr. dr. Alfredo Peixoto, e este sr. repete-lhe a sua música triste... E nada, nada!

Um guarda acompanhava-o.

Mas Manoel Moraes passa à porta do sr. dr. Pedro Guimarães e resolve entrar.

—Pelos almas... Por quem lá tem!

—Muito bem... Mas preciso dum cartão do sr. administrador. Sem o qual... Sim... Digo eu cá isto...

Manoel Moraes retrocedeu de novo. O guarda ficou a olhar para ele, e Manoel Moraes a olhar para o guarda...

Que diriam aqueles olhares?

Porque olhariam eles assim significativamente, um para o outro?

A morta lá estava de lenço branco na cara, estendida num caixão de pinho, requerido com lágrimas e humilhação à Santa Casa, há vinte e oito horas.

Mas que fazer-lhe?

O polícia, entanto, olhava, e parecia dizer, quando olhava assim, quasi velhacamente:

—Olha, Manoel Moraes, porque é que tu nasceste pobre, porque não tens influencia politica e voz que clame, que valha? Deita a morta ao rio, Manoel Moraes.

Présos de «pouquíssima» virtude

E

Sentinelas de «muitíssima» confiança

E' assim mesmo. ; Baixo, muito baixo, digamos aqui o pitoresco e estranho caso de présos que saem à rua, vão beber dois decilitros à «Palavrinha» ou visitar o bairro das toleradas, e... talvez espiralando as delicias dum «brejeiro», voltam, como gente séria que não abusa, a recolher-se à negra sorte da enxovia!

Disseram-nos este episódio... de comédia, há semanas, guarda-

do até àquele momento em que nos dispusemos a ouvir pessoa de bom informe.

—Com que então, foi na policia que o facto se passou?!—interrogamos.

—E mais nas Doroteias!—acrescenta um preso que já por ali transitara. ; As grades estavam mal seguras!

E' grave! muito grave o pitoresco caso de présos... à solta, présos tam, cheios de dignidade e de brio que até apetece recomendar-los—a quem?!—aos juizes desta República... se é que não prefere a autoridade administrativa apertar a investigação sobre este episódio em que figuram présos de pouquíssima virtude e sentinelas de muitíssima confiança.

Sem favor...

E' reorganizada a banda regimental de infantaria 20

Depois que o decreto da extinção das bandas regimentais não foi mantido numa applicação uniforme, porque, como o illustre ministro declarára, o país preferiu ter músicas a contar no erário

FESTA NACIONAL

Glória aos heróis e aos mártires da República!

Como decorreu, entre nós, a comemoração do seu 2.º aniversário

Não comunga ainda ampla e abertamente nas festas da República esta população que, como muitas outras, acabam de sair dum mau sonho de restauração monarchica —na única preocupação de tornarem a ver, como antes, o predomínio temporal da Igreja Católica Apostólica Romana sobre o poder civil do Estado. A despeito, todavia, dum semelhante estagnamento da alma, verdade é ir-se dizendo que, aos poucos, o povo da nossa terra se vai convencendo de que o regimen não é tam mau como lho pintavam; e, se ainda, às vezes, grasmam aqui e ali bisonhos adversários, tem de ver-se que eles o são porque o regimen lhes cortou privilégios, privilégios que, por virem de longe, a eles e a muita alma ingénua quiz parecer que eram—ditos.

Estes adversários —os maiores da República!—são recrutados na classe eclesiástica. Excepção desses, e porque a tempestade máxima já passou, tudo o mais se vai integrando na vida nacional; razão porque a festa comemorativa do 2.º aniversário da República entre nós revestiu já character de interesse popular.

5 de Outubro não é dia de trabalho

E como prova de que os bons portugueses querem que seja de gala o dia glorioso da proclamação da República, é que não só o funcionalismo fecha as repartições e depõe a manga de alpaca, como também as fábricas e algumas officinas cessaram a sua laboração, fazendo com que essa populosa familia obreira venha às ruas com os seus melhores trajes. E' o «dia-santo da República», como a tir o povo lhe chamou, tam pronunciado este ano o sintoma se revelou.

Lamentam os bonzos, numa piedade hipócrita, que o pretexto sirva para o operariado ver cerceado um dia de salário à sua já magra fêria. ; Entretanto, jámais os vimos deplorar a infinita corda de dias santificados — tam infini-

público com uma economia de 70 contos, — tudo indicava que não ficaria Guimarães a constituir um caso de excepção. Assim o vem confirmar um telegrama expedido pelo ministério da guerra ao presidente do municipio, como resposta à representação aqui no último número transcrita, telegrama que já em placard foi oferecido à curiosidade cidadina, traduzido nestes termos:

Telegrama agora recebido de Lisboa pelo presidente da Câmara informa que Sua Ex.ª o Ministro da Guerra vai reconstituir a banda do Regimento de Infantaria 20.

; E o que dirá agora o «sempre estremunhado» e sempre divertido *Comércio*, — a gazeta de manhas e processos velhos, que já a propósito da nossa attitude botava dêste estilo exclamativo?!

«Ah! como o patriotismo é uma palavra vã! Como em tudo se faz politica!»

Deve ter ficado com uma cara muito... pitoresca ao ler a justa, a lógica, a republicana resposta do ministro.

Que bons; estes ingénuos defensores dos progressos desta «linda terra» como hipócritamente lhe chamam!...

dispensar alguns do calendário! ta que o próprio Papa decidiu adiante. Em todos o países cultos as festas civicas, e nomeadamente o dia consagrado às suas revoluções restauradoras, tem, por parte do povo, o exemplo, não de um dia de sacrificio... à magra fêria, mas o de uma manifestação de espirito nacional e patriótico — o que é não só simpático, mas educativo e civilizador, e revela ainda uma prova de reconhecimento e de respeito pela memória dos heróis e dos mártires dum obra de resgate e de benemerência social.

Alvorada festiva

Despertou o dia cheio de sol, o que é sempre motivo para que paire a alegria nos corações—como diria um poeta lírico. Sons de música e estrelajar de foguetes imprimem a nota festiva de um dia que a história engrandece, pelo feito sublime que traduz.

A's 12 horas repetem-se as manifestações, que é como quem diz: muita força de foguetes, duas bandas de música—e a alma dêsse sino da *Patriarcal* como que a afirmar, pela sua adaptação, que o mundo marcha...

Um número obrigado: o bôdo

A's 15 horas foi distribuido a 300 pobres, no amplo claustro de S. Francisco, um bôdo que consta de: um bacalhau, uma borra de pão de milho e dois kilos de batatas.

De todos os números das festas celebradas para comemorar o segundo aniversário da proclamação da República, este foi, sem dúvida, o mais impressionante e o melhor.

Ao principiar a sessão de abertura, a qual presidiu um representante do municipio e assistiram as autoridades civis, judiciais e militares, foi tocada a *Portuguesa* pela banda «Boa União» e soltos alguns vivas de apoteose à República, aos seus heróis e à cidade de Guimarães.

Em seguida começaram desfi-

lando perante a meza da presidência os pobres contemplados, sendo o serviço da distribuição das esmolas coadjuvado pelo deputado pela cidade e vários membros das Juntas de Paróquia locais. Inpressionava comovedoramente a expressão agradecida de todos os pobres; e o que profundamente se gravou no espirito do público que assistia, enchendo completamente a enorme ala do claustro, foi esta verdade grande e educativa: é que a República, pelo coração dos seus adeptos, não se esquece da pobreza.

No final repetiram-se as aclamações.

Manifestação patriótica

Para dar expansão à alma republicana fazia falta a organização dum marcha onde, aos brados quentes de «Viva a Pátria», «Viva a República», o povo de Guimarães saudasse o povo heroico de Lisboa, a marinha e o exercito português. Assim, pois, decidida à última hora que esta se fizesse, a ela acorreu o operariado levantando os estandartes que simbolizam as suas associações e núcleos de classe. Bem comprehendem as forças trabalhadoras que a República foi um passo mais no caminho da sua libertação económica e social; deviam por isso a sua homenagem aos que pelo crédo republicano se bateram até ao triunfo, nessa manhã heroica de 5 de Outubro de 190. Neste pensamento vamos alyas bandeiras do Centro Socialista, associações de classe dos Curtidores e Surradores, dos Alfaiates e Costureiras, dos Fabricantes de calçado, dos Marceneiros e Artes Correlativas, do Grupo Gráfico Vimaranesense, do Centro Republicano, e ainda outras bandeiras nacionais empunhadas por populares. Não levavam os manifestantes fogachos nem balões; não faltava, porém, nessa onda fremente e escura, o entusiasmo e a fé patriótica, e essa foi, por certo, a nota que traduziu a sua espontaneidade e o seu valor. Seriam 21 horas quando no jardim público, onde uma multidão intensa se premia, subiu ao coreto o cidadão A. L. de Carvalho, dizendo, mais ou menos, o seguinte:

«Cidadãos: A data que hoje se comemora é grande, é bela, é das que enchem o coração pelo significado de grandesa patriótica que traduz. E' este dia consagrado aos heróis da República, e superior forma de civismo e amor nacional é sauda-los pelo seu exemplo de sacrificio, de amorosidade e de altruismo social. Cidadãos: E' de festa nacional o dia de hoje; sejam, portanto, de paz, de esperança e de fraternidade os nossos brados, as nossas saudações. Que todos quantos se sintam portugueses venham conosco glorificar a Pátria resgatada e enobrecida pela República—saudando junto dos Paços do Concelho o povo heroico de Lisboa, e no quartel de infantaria 20 o exercito e marinha portuguesa.» Seguidamente o cortejo pôe-se em marcha por entre as aclamações e as notas emocionantes da *Portuguesa* e *Maria da Fonte*. Chegando que foi este à Câmara, falou brilhante e eloquentemente do alto da varanda o deputado pelo circulo sr. dr. Eduardo de Almeida, erguendo saudações ao povo de Lisboa o presidente do Municipio sr. Mariano Felgueiras. Dirige-se agora a grande multidão ao quartel de infantaria 20, sendo aguardada na parada interior pelo illustre comandante sr. Frois. Serenada a intensidade dos vivas ao exercito, explica o cidadão A. L. de Carvalho àquele distinto official «os sentimentos de vivissima homenagem que ao exercito o povo de Guimarães vem ali trazer naquele dia em que, por assim dizer, veio integrar o soldado português no espirito e na alma da

nação». S. ex.ª, visivelmente comovido por aquela prova de simpatia do povo de Guimarães ao exercito e ao regimento de infantaria 20, «afirma a extremada dedicação, lialdade e fé patriótica do regimento do seu comando, disposto até ao sacrificio para o serviço da Pátria e da República». Trocado um abraço de efusiva saudação, foi-se de novo em marcha o cortejo que, sempre com ardor, veio a terminar no mesmo ponto onde decorria o

Festival noturno

Ostentava o jardim público uma decoração e uma iluminação de muito efeito, tocando ali, com geral agrado, até depois das 24 officiais, a banda Boa-União, sob a regência do sr. Cipriano. A concorrência, que no jardim e imediações presenciava um lindô fogo de artifício, era grande — embora se notasse que para muitas das nossas damas ainda subsiste, como um castigo, o propósito de não irem ao jardim.

Notas: A Câmara, Quartel, repartições do concelho, Internato e Liceu, Associação Commercial, Centro Republicano e algumas casas de particulares iluminaram e embandeiraram,

—Todas as colectividades operárias, excepção da Associação Artística, tiveram as suas bandeiras içadas.

—Foi distribuido no dia 5 um manifesto de propaganda republicana.

Uma visita às Escolas Centrais

Projecta-se uma cantina

Como se sabe, a casa situada na rua de Francisco Agra, onde era a residência dos jesuitas, foi cedida pelo Estado para nela serem instaladas as Escolas Centrais desta cidade, que hoje ali começam a funcionar.

Difícilmente se encontrarão no país escolas que fiquem melhor instaladas do que as de Guimarães. Amplos e magníficos salões, com muito ar e muita luz; recreios esplêndidos, um para os alunos de cada sexo, completamente separados, onde as crianças se podem exercitar em vários jogos recreativos e ao mesmo tempo educativos e instrutivos; confortáveis vivendas para todo o corpo docente, as nossas Escolas Centrais, sob o ponto de vista material, rivalisam com o que há de melhor no estrangeiro.

Não lhes falta o indispensável balneário; possuem vestuários em todas as classes; as retrétes são em grande número e bem asseadas. Nos terrenos adjacentes pôde ministrar-se o ensino experimental da Agricultura, da horticultura, da jardinagem, etc.

A água que os jesuitas canalizaram da Penha é abundante e saborosissima.

Dotadas de bom mobiliário e com um material de ensino muito completo, as escolas centrais devem merecer a preferéncia aos pais das crianças para ali as fazerem matricular, tanto mais que a cargo de cada professor está apenas uma classe, ou sala classe, o que é de incontestavel vantagem para o ensino.

A cosinha, e refeitório e outros compartimentos da antiga residência dos jesuitas ficaram reservados para o funcionamento dum Cantina que se projecta instituir em beneficio das crianças pobres que frequentam as Escolas Centrais e cujo pensamento de iniciativa se deve ao activo inspector sr. Justino Ferreira.

Como se sabe, a Câmara tem no seu orçamento uma verba de 200.000 réis para auxiliar essa simpática obra que se chama a Cantina, adjunta às Escolas Cen-

trais — hoje quasi indispensavel para animar uma populacao pobre a frequencia da escola. Estamos certos, por isso, que esse generoso plano tera o melhor acolhimento por parte de todos quantos forem chamados a colaborar na sua organizacao, pondo nos, entretanto, a disposicao dos seus benemeritos promotores, o humilde valimento deste semanario — aonde ainda ha 3 numeros pugna- mos pela sua realizacao.



Capitão Artur Jorge Guimarães

De visita aos seus, encontra-se entre nós o sr. capitão Artur Jorge Guimarães, autor do interessante livrinho para as crianças — *Os Deveres do Cidadão*.

Este nosso inteligente patricio, que é um republicano de principios, cheio de fé no resurgimento desta patria portuguesa, promete-nos para breve a sua colaboração, — o que constitue motivo de satisfação para nós todos.

Alfaiates e Costureiras

Reune no proximo domingo, em assembleia geral, para aprovacao de contas e diversos assuntos, a Associação de Classe de Operários Alfaiates e Costureiras, desta cidade.

Quatro Artes

Para o mesmo fim, e no mesmo dia, também reune, em assembleia geral, a Associação de Classe das Quatro Artes de Construção Civil de Guimarães.

Na casa Camilo

à Porta da Vila, trata-se de passagens, passaportes e licenças de reserva por preços sérios.

No Porto

Faleceu o distinto medico homeopata, sr. dr. João Antonio de Sampaio e Castro, cunhado do nosso colega Antonio de Almeida, correspondente do Janeiro.

Opúsculo

Da Secretaria do Mercado Central de Produtos Agrícolas, recebemos um tratado sobre o commercio dos vinhos do Porto nos mercados do Brazil.

Em Braga

A direcção do Asilo dos Orfãos e Infancia Desvalida, fez-nos remessa de alguns exemplares da tabela e condições do seu internato e externato.

Podem por nós ser fornecidas a quem pretender.

Escola Municipal

Esta escola noturna, que tanto pode convir ao nosso operariado, passou a funcionar numa dependencia do Liceu.

O feriado Municipal

Terça-feira, 8, foi de festa, pois que se solenisava o dia que em Guimarães se proclamou a Republica. Por esse motivo estiveram encerradas as repartições dependentes da Câmara, iluminando esta o seu edificio e tocando no largo fronteiro uma banda de musica.

Governador Civil

Entre nós esteve na segunda-feira o illustre cidadão dr. Manoel Monteiro.

Theatro

Com uma casa verdadeiramente repleta, subiu a scena no ultimo domingo o drama em 5 actos *O José do Telhado*.

Durante o espectáculo foram feitas diversas chamadas a todos os artistas. No proximo domingo, para estreia da actriz Carlota Santos, sobe a scena o emocionante drama em 5 actos *O Paralitico*, do repertorio de Antonio Pedro.

Centro Socialista

Numa reunião efectuada ultimamente neste Centro, além da resolução de diversos assuntos para a causa socialista, ficaram constituídas as seguintes comissões paroquiais, desta cidade:

Oliveira:—Presidente, Luis Garcia Martins; 1.º secretario, João Soares; 2.º secretario, Manoel Pinto; vogais, Antonio Rodrigues Guimarães e Antonio Pereira.

S. Paio:—Presidente, João Fernandes de Macedo; secretario, Antonio Carvalho; vogal, Armindo Guimarães; incompleta.

S. Sebastião:—Presidente, Sebastião Nogueira; secretario, David Salgado; vogal, João Luiz de Matos; incompleta.

S. Miguel de Creixomil:—Presidente, Domingos Braz Teixeira; 1.º secretario, Manoel Mendes da Silva; 2.º secretario, João Pereira Guimarães; vogais, Pedro Machado e Domingos da Silva.

Estas comissões brevemente encetarão a necessaria propaganda que lhe for compativel com as suas forças.

Promoção

Pela última ordem do exercito foi promovido a coronel o sr. Frois, ficando com o comando do regimento de infantaria 20. E' por isso, motivo de satisfação a sua permanencia entre nós, pois s. ex.ª é um militar brioso e um cidadão de fino trato.

Os de cá

Os últimos prêsos políticos implicados nos acontecimentos conspiratórios, e que ainda se encontravam na casa das Doroteias, partem hoje para Braga, onde vão responder perante os tribunais marciais.

Novos corpos gerentes

Pelo motivo da primitiva comissão administrativa da Associação de Classe dos Operários Marceneiros e Artes Correlativas estar incompleta, foi feita nova eleição para os diferentes cargos, recaiando nos seguintes cidadãos:

Direcção

Presidente, Francisco Alves; 1.º secretario, João Augusto Monteiro; 2.º Francisco Luis da Silva; Tezoureiro, Domingos Lima; vogal, Antonio José Peixoto.

Conselho fiscal

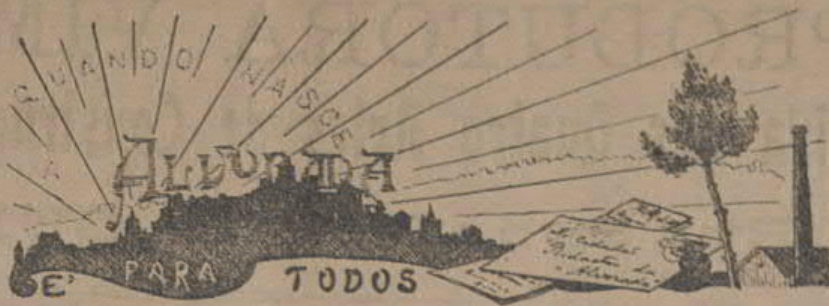
Francisco Pereira, João de Souza Salgado e Albino Teixeira de Araujo Bastos.

Escola Industrial

Começaram ontem a funcionar as diversas aulas na Escola Industrial Francisco de Holanda.

Casa com quintal

Aluga-se uma casa na rua de Francisco Agra, com os numeros 197 e 199, com grande quintal e boas dependências. Para tratar, Toural, numero 2.



Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos. Vamos: enviem-nos a sua prosa, seja como for—contanto que nela se defenda um principio justo, razoavel, humano, atendivel.

Impressos camarários

... Sr. redactor

Permita-me v... que eu, na secção «Jornal para todos», da sua muito lida e conceituada «Alvorada», venha a público com um facto que, pela sua relativa importância, bem deve merecer as atenções de quem nela tem interferência.

E' o caso que, por antipatia ou quê... a um proprietario de uma tipografia desta cidade, decidiu a Comissão Administrativa da Câmara Municipal não continuar a fornecer-se na dita tipografia dos impressos necessários ás diferentes repartições que lhe são inerentes.

Se atendermos à boa applicação do ditado popular que diz—«amor com amor se paga»—poderia caber dentro da lógica o procedimento da Comissão Administrativa.

!Mas, sr. redactor, com o que por forma alguma posso concordar, e mesmo deixar passar sem protesto, é o facto de a mesma comissão se deixar dominar a ponto de se esquecer que nesta cidade, além dessa tipografia, existem mais duas ou três com material preciso para a execução dos trabalhos que lhe sejam confiados—como a prática o há demonstrado e na própria Câmara se encontram exemplos!

!Tanto é verdade a Comissão Administrativa ter-se esquecido (indesculpavel esquecimento) do que afirmo, que, tendo sido ultimamente necessários uns determinados impressos para qualquer

serviço da Secretaria Camarária, foram eles executados numa tipografia de Famalicão!

E' isto justo? E' louvável?

Não. Não é, e pela simples razão de que os industriais desta cidade pagam as suas contribuições, sustentando nas oficinas o pessoal indispensavel.

!Faltando-lhes porém o trabalho, que sucederá? !Necessariamente terem que despedir esse pessoal, e será este por consequência quem mais sofrerá as funestas consequências de tal determinação!

Isto terá tudo quanto queiram, mas o que não tem é patriotismo e, muito menos ainda, amor *bairrista*—vá lá o termo que não nos pertence.

Que a Comissão Administrativa quisesse fazer sentir o seu desagrado ao proprietario da tipografia, tolerava-se; mas o que por principio algum se não pode tolerar é que a mesma comissão torne extensiva essa medida aos restantes colegas tipográficos, que por sua vez a farão sentir forçadamente aos seus operários, por falta de trabalho!

Não está de harmonia com os principios democraticos o facto a que me venho referindo. !Esses principios protegem as classes operárias e não querem que elas sofram mais do que sofrem actualmente!

Por isso a razão do meu protesto, que creio ter justificado clara e suficientemente.

Desculpe-me, sr. redactor, a extensão deste e creia-me

Sempre ao seu dispor,

Um interessado.

Roberto Vitor Germano, muito reconhecido agradece por este meio, não o podendo fazer pessoalmente como desejava, a todas as pessoas amigas que, durante a sua última doença, mandaram e foram a casa saber do seu estado de saúde.

Igualmente e pelo mesmo motivo se confessa reconhecido a toda a illustre colónia Vimarânense que ultimamente se achava na Póvoa de Varzim.

A todos mil agradecimentos.

Guimarães, Outubro de 1912.

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães

Faz público que no dia 29 do mês corrente, pelas 12 horas, se procederá à arrematação, 2.ª praça, por propostas em carta fechada, do exclusivo da venda de carnes provenientes de gado bovino, lanígero e caprino, pelo tempo de dois anos, a contar do dia 1.º de Janeiro de 1913, na povoação das Caldas de Vizela e freguesias de Moreira de Cónegos, Lordele, Tagilde, S. Faustino, S.

Paio e Infias, conforme as condições que se acham patentes na Secretaria da Câmara Municipal.

Os concorrentes deverão dirigir as suas propostas em carta fechada ao Presidente da Comissão Administrativa do município, que serão abertas no dia acima prefixado em sessão pública, comparecendo no acto da praça para depositarem em mesa a quantia de 100\$000 réis, nos termos das condições reguladoras da arrematação.

E para todos os fins legais se publica o presente e outros de igual teor nos lugares do costume e estilo e ainda pela imprensa.

Guimarães, Secretaria Municipal, 8 de Outubro de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

Verifiquei

O Vogal mais velho servindo de Presidente.

Manoel Ferreira Guimarães.

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz público que se acha em pleno vigor o Art. 59.º do Regulamento de Salubridade das Edificações Urbanas, neste concelho, votado pela Câmara em

sessão de 3 de Julho de 1907 e aprovado superiormente por despacho de 11 de Novembro do mesmo ano, o qual é do teor seguinte:

Art. 59.º

“Nenhuma casa construida de novo ou reconstruida poderá ser habitada sem licença da Câmara Municipal depois de competentemente vistoriada pela Comissão de Melhoramentos Sanitários, a fim de verificar-se se foram cumpridas todas as cláusulas exaradas nos respectivos pareceres da mesma Comissão.

Faz mais público que a infração é punivel com a multa estabelecida no Art. 57.º do decreto de 31 de Dezembro de 1864, que para conhecimento de todos se publica de teor:

Art. 57.º

“Os proprietários que deixarem de cumprir alguma das obrigações designadas neste titulo incorrerão na multa de 20\$000 réis, imposta no juizo correccional.

E, para que ninguém alegue ignorância, se publica o presente nos logares públicos do costume e em todas as paróquias deste concelho, conforme a deliberação tomada pela Câmara em sessão de 1 de Outubro deste ano.

Guimarães, 3 de Outubro de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

Verifiquei.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Concurso

(2.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães, distrito administrativo de Braga

Faz publico que, durante o praso de trinta dias, contados sobre a data da publicação do último anúncio, se acha aberto concurso perante a mesma corporação para o provimento do lugar vago de Aferidor de Pesos e Medidas, deste concelho, com a dotação de 100\$000 réis anuais e mais proventos que a lei lhe confere.

Os concorrentes deverão dirigir os seus requerimentos por eles escritos e assinados sendo a letra e assinatura reconhecida por notario, ao presidente da Corporação, com os documentos indicados no Art.º do decreto de 24 de dezembro de 1892, e ainda o documento de habilitação legal a que se refere o Art.º 2.º do decreto regulamentar de 23 de março de 1869.

E, para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume e estilo e publicados na imprensa como determina o Art.º 1.º do citado decreto.

Guimarães, Secretaria Municipal, 26 de Setembro de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

Verifiquei.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

A PRODUTORA VIMARANENSE
Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil — Responsabilidade Limitada
 Rua 31 de Janeiro — **GUIMARÃES**

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como a prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a **preços módicos.**

Sapataria Vimaranense
 —DE—
António José Mendes
 5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)
GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado, como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezerro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

Ao Chic da Moda

—DE—

Camilo Alves de Almeida

12, P. D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Tournal)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e mindezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovais. Chá preto e verde.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: **ANTÓNIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA**

DINHEIRO

Empresta-se sôbre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da República, 80
 (ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, óleos, tintas, vernizes, vidros, cera em velas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Camilo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanifícios

DEPÓSITO DE MALAS
VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

Abílio d'Almeida Coutinho 113, Rua da República, 115

Solicitador encartado

Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sôbre hipotecas ou letras.
 Compra e venda de papeis de crédito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Pôrto.
 Compra e venda de prédios urbanos e rusticos, para o que há sempre pretendentes. Transacções sôbre direitos e heranças.
 Sobre todas estas operações, de que está encarregado, **guarda-se segredo profissional**, tratando-se sómente com os interessados.

ALVORADA

Ao Cidadão